

Henrique Iwao, 2013-03-18. Respostas a perguntas realizadas por Marco Scarassatti para uma pesquisa sobre instrumentários musicais no Brasil.

1) O que é instrumento musical pra você?

Um instrumento é instrumental - ele é um algo que serve para fazer algo. Ele o é tão fortemente que é difícil imaginá-lo fazendo outra coisa. Ele existe para a e através de sua funcionalidade; um instrumento musical existe porquanto se faz música com ele. Fazer música: performance musical, sons, silêncios, ação e espera. Ele é um mediador. É possível esconder-se atrás dele, se você for um músico. Por ter uma função assim delimitada, ajuda a tornar delimitada a figura do músico - aquele que opera instrumentos musicais. Nada disso impede a música de ser feita sem instrumentos musicais, sem músicos, com músicos operando instrumentos não-musicais, com robôs operando instrumentos musicais etc. Mas aí, toda a clareza conferida-construída-conservada-reforçada pela instrumentalidade se turva. É difícil usar uma guitarra para outros fins que não fazer música - para cozinhar ou apoiar coisas, por exemplo, ou para servir de calço para uma mesa. Entretanto, isso também depende de certos limites. Meu piano é um móvel decorativo, quando colocado na sala, e também é algo para o qual apoiar coisas é natural. Há inclusive dois porta taças a seu lado. Quando apoio apenas taças e deixo-o lá, cheio de objetos em cima dele, ele vai deixando de ser um instrumento musical. Se retirar suas cordas pode ser que ele se transforme em uma espécie obtusa de armário, um equipamento de guardar e que facilita o ordenar. Talvez seja possível usar um oboé para cozinhar, por exemplo, convertendo-o num dispositivo do prestes a comer. Eu nunca vi. *A Tábua Mobile*, que construí junto a Marcelo Muniz, com a ajuda de Borys Duque, é também uma mesa onde apoiamos coisas. Mas as coisas são objetos cotidianos transformados em utensílios musicais. Sua pintura, sua altura imprópria para o sentar-se, a dificuldade de montá-la, o fato de haver montagem e desmontagem, cabos saindo dos lados, mesa de som embaixo,

caixas acústicas - tudo isso constrói-reforça-conserva-confere o estatuto de instrumento musical para ela. Ou isso, ou é apenas um pedaço de madeira pesado e trambolhento - e que desse modo, seria melhor não existir (sonhamos em queimá-la numa fogueira).

O instrumento musical é necessariamente versátil? Eu achava assim, pois se é instrumental em fazer música, então deve poder fazer músicas, e também músicas diversas. Mas isso é falso. Há instrumentos musicais bastante limitados, e com uma faca de cortar peixe não saio por aí cortando boi. Assim, se tenho um taco de Hockey, e hoje deixo-o parado no quarto, exceto quando acho que há alguém a invadir a casa, antigamente eu apenas jogava Hockey in line com ele (e quase que apenas pelo meu time oficial - a Ponte Preta). Da mesma forma, é possível que o instrumento só quase que sirva a uma prática musical ou ainda, só seja usado para uma prática musical específica. Usando o mesmo raciocínio da instrumentalidade, posso determinar uma musicalidade específica, que só surge quando mediada por um instrumento específico. A música específica pode ser aquilo que surge dessa mediação. Ou então, a musicalidade específica, como Sachiko M. e seu oscilador, improvisando com diversos outros músicos, mas sempre produzindo senóides agudas.

O computador é um problema, porque disperso demais para servir a uma função específica com propriedade, a não ser se definida de maneira muito abrangente, como "computar" (mas o que se faz com isso, com essa função? Posso dizer que estou agora a computar esse texto?). Instrumento de escrita nesse momento, assim como tocador de músicas (estou ouvindo uma coletânea de músicas de videogames do início da década de 90), também serve para fazer música. Mas eu não o chamaria de instrumento musical; não mesmo. Pode ser que pouco antes do show eu olhe para ele e queira ler um trecho de um artigo que deixei pela metade, por exemplo.

Talvez por essa situação dispersa, e em especial daqueles computadores ditos "de topo de colo", que a expressão "instrumento musical virtual" tenha sido

criada. Penso nessa categoria como resultante da configuração "programa computacional de manipulação/criação sonora musical + interfaces operacionais que, como algo com o qual se faz música, é um instrumento musical". E o instrumento é virtual porque existe em um lugar (computador + controladores) apenas quando opera; depois desaparece - sua configuração torna-se desconjuntada. São apenas arquivos no computador, que estará sendo usado para outra tarefa + um controlador desligado ou ainda usado para ainda outra tarefa.

Por outro lado, eu não quereria dispersar-me usando para tal minha mesa de som, mas nem por isso ela é um instrumento musical, mas tão somente um equipamento sonoro, pelo menos na maioria de vezes. Há exceções: quando ela é curto-circuitada, frequentemente vira um instrumento musical - um oscilador e gerador de ruídos. É isso o que faz muitas vezes Toshimaru Nakamura - no disco com Lawrence English, por exemplo - e que eu mesmo passei a adotar com minha Yamaha MG82cx. Em outras ocasiões, entretanto, minha mesa de som não é um instrumento. A mediação que ela realiza é de outro tipo - de uma determinação que eu não diria que é a de fazer música, no sentido de tocar música, de realizar uma performance musical com um instrumento musical. O som passa por lá, mas não eu. Eu passo pelo instrumento, ou ao menos minhas ações passam.

De qualquer forma, proponho que o termo "instrumentário", a tradução para o inglês *set*, de *instrumental set*, seja usado mais frequentemente. Com ele, englobo também os diversos acessórios, instrumentos, ferramentas e dispositivos agregados ao fazer musical; eles podem ter diferentes níveis de funcionalidade real e instituída em relação ao musical; eles podem ter inclusive temporalidades diferentes - quando dizemos que o garfo que usei pra comer é temporariamente um garfo de produzir um som estridente extremo agudo, com variação possível de dinâmica e velocidade-altura, não digo o mesmo que quando me refiro àquele rodo de pia que nunca usei para limpar a água da pia mas tão somente para fazer sons graves, arrastados, de

fricção, em superfícies de madeira amplificadas com microfones de contato. Também assim diz-se, no caso do guitarrista Mário Del Nunzio (guitarrista - aquele tipo de músico que é mediado pelo instrumento musical guitarra), que ele tem o seguinte instrumentário, que ele toca usando: guitarra, palheta, cliques, canivete suíço, pedaleira Vox, pedal de volume, esponja, dobradiça (ou algo parecido com, mas que talvez esteja mais para uma mão francesa pequenina). Fica omitido apenas as mediações sonoras (menos musicais - amplificador, por exemplo), as coisas que dão-lhe estabilidade corporal, que permitem que ele aja (cadeira, mesinha pra apoiar objetos) e seu corpo, porque neste caso, mesmo que use de modo não-usual a palma de suas mãos, esfregando-as nas cordas da guitarra, elas não são suficientemente não-humanas para constar como instrumentos ou acessórios (enquanto a voz em uma cantora, é, vejam só, como agrupamentos são traiçoeiros, ou então - como a voz é alienígena).

Mas, falando com mais propriedade, a voz da cantora é o instrumento dela. Humana sim, mas ainda assim um instrumento localizável. Um percussionista pode ter como instrumento seu corpo - percussão corporal. Os microfones para amplificar amplificam, estão num nível de mediação já com o som; não são instrumentos musicais. O humano toca o humano e assim instrumentaliza-se. As mãos esfregantes humanas de Del Nunzio são o que Mário usa para tocar a guitarra não-humana. Não há muita serventia regredir e dizer que as mãos são tocadas pela mente que é tocada pela Vontade etc.

2) Qual é seu instrumental para se fazer música?

Depende do projeto em que estou envolvido. No Epilepsia, com Jean-Pierre Caron (nós nos chamamos de Lontra e Mangusto nesse duo) eu uso: dois estrobos, um abajur, um holofote, mini-estrobo de leds, captadores de eletromagnetismo (bobinas ligadas a cabos de áudio), *dimmers*, placa de som, laptop com uma rotina por mim programada no software Pure Data,

teclado do laptop, controlador MIDI Trigger Finger, HD bass (um hd com uma saída de áudio ligada a base dele e que por algum motivo que desconheço, produz um som grave quando girado), microfone de contato. Além disso eu uso um sistema de som com 4 caixas acústicas, nas quais duas delas tem caixas claras colocadas em cima, com a esteira ligada. Estas fazem certamente parte do instrumentário, pois definem o tipo de timbre e espacialidade sonora do meu instrumentário.

Algo parecido, com luzes, mas também brinquedos e pequenos dispositivos luminosos diversos é usado em P-Blob VVA, junto a Marcelo Muniz, com amplificação visual por VJ Danilo_b (Danilo Barros). Nesse caso, ainda mais, o musical deve ser estendido a ponto de poder absorver muito do visual, do luminoso. Jogadas musicais, isto é, que advém de práticas de músicos, de escutas de músico, de pensamento de composição musical, são transpostas por músicos para o domínio da luz, como consequência de que aquele instrumentário produz som e luz.

Em casa, quando estou em Campinas (não moro mais lá), durante dias de descanso, toco piano. Quando tenho que tocar *Verossimilhança do Espelho* e *Primeiro Acorde*, tenho de usar o meu teclado sintetizador, que é um Juno-D, mas também pedais de volume (ocasionalmente dois), e pedaleira de efeitos (atualmente uma de guitarra, GT10 da Boss). Em *Primeiro Acorde*, o sinal desse mesmo instrumentário vai até o computador, e lá entra em contato com automações e interações sonoras com amostras de som diversas, de lá provenientes. Em *Verossimilhança*, que é uma peça que compus junto com Del Nunzio em 2007-8, minha pedaleira de efeitos muda as configurações sonoras de Del Nunzio, enquanto que a pedaleira que ele controla muda as configurações dos sons misturados de ambos. É um caso onde a noção de instrumentalidade é distribuída entre atores que se entrecruzam: duas pedaleiras, duas pessoas, dois instrumentos, alguns acessórios.

A *Tábua Mobile* foi um instrumento para fazer música. Talvez seja mais correto dizer: um protótipo de instrumento musical. Hoje em dia ela provavelmente é

apenas um conjunto de madeiras para proliferar mofo. As mini-tábuas, construídas por Marcelo Muniz, e danificadas pela companhia aérea Azul durante uma viagem de avião de Viracopos até Juiz de Fora, seriam algo mais próximo da idéia de um instrumento musical no sentido dessa pergunta - algo que se estivesse funcionando, eu levaria pra cima e para baixo para fazer música. São pequenas tábuas de madeira, com três tipos de amplificação dentro: captadores bobina (para captar eletromagnetismo por indução, permitindo que o som de osciladores com falantezinhos ou bobinas sejam captados "sem fio" - *wireless*), microfones de contato (para vibrações mecânicas da tábua, quando esfrego-arrasto-bato coisas nela), microfone eletreto (com localização da captação bem restrita e específica). Tem também os controles de volume, com um mixerzinho interno, que ainda permite uma entrada em linha. E as devidas saídas de som. Para usá-la, acessórios diversos, desde osciladores construídos e brinquedos eletrônicos, objetos cotidianos, brinquedos diversos (peões, por exemplo) etc.

3) No seu caso, como se dá a escolha do instrumental a ser usado.

No caso, há peças feitas em que a construção da peça é simultânea à definição-criação-configuração do instrumental. Então, ficam atrelados. E aí a pergunta se dá como: "como se dá a escolha da obra a ser tocada". Ainda há o caso do Epilepsia, em que eu levo quilos de equipamento, demoro dezenas de minutos para montar a coisa toda e Jean-Pierre Caron simplesmente pluga seu sintetizador e pedal de *delay+pitchshift* e faz "boom", ação que não toma mais que 3 minutos de tempo, de modo que ele pode ficar pacientemente esperando, ou então tomando cerveja, ou ainda sair pra passear, enquanto eu preparo meu instrumental.

Então, o que eu posso dizer: minhas principais considerações com relação a isso, quando eu realmente posso fazer-las, o que é um luxo, são: dado uma música ou prática musical, um grupo e uma ocasião para tocar, quais as condições de transporte, peso e versatilidade em relação ao meu

instrumentário? Destas, como transportar é a mais decisiva. Há modo de transportar o quê, para o local x? A segunda é: eu aguento carregar o peso do equipamento, durante esse trajeto? A outra, menos decisiva é: com isso que estou a levar, consigo fazer o quê em termos sonoros? Quais articulações musicais eu sei que consigo realizar?

Essa situação de escolher se dá mais em contextos de improvisação. Eu fico preocupado sempre com a pouca versatilidade da maioria dos instrumentos musicais que uso, como a mesa de som curto-circuitada. Por outro lado, improvisar também é enfrentar desafios. Em casos em que eu vou tocar sozinho, por exemplo, também posso escolher, se puder carregar, equipamentos que tem função de trambolhar a performance, isto é, trazer dificuldades, entulhamentos, atrapalhamentos. Posso escolher deliberadamente equipamentos que resistem a uma funcionalização musical. Posso dizer para um objeto cotidiano, um ventilador, por exemplo, que ele agora é um instrumento musical, mas o ventilador não facilmente se converterá, pois continuará teimosamente ventilando. De modo similar, se eu levo abajures ou coisas que produzem luz, nem por isso, apesar da musicalidade da luminosidade, apesar de ligarem, desligarem e dimmerizarem musicalmente, eles resistem um tanto a virar instrumentos musicais, em especial se não os sonifico (se não capto variação eletromagnética que eles produzem, por exemplo, e transformo-a em áudio e depois som).

No caso em que eu componho peças, não há muitas preocupações com a escolha instrumental, pelo fato de que eu não tenho opções de composição de instrumental amplas o suficiente para que elas surjam. Por exemplo, eu sei que tenho de compor para Del Nunzio, então isso define já o instrumental (embora não defina como eu irei compor pensando nele para que Del Nunzio utilize-o). Ou eu tenho que tocar, ou então tem de ser suficientemente versátil para acolher instrumentações diversas e a peça lidará com questões que não dependem de instrumentalidades específicas (é o caso da antiga *A Jail for*

John Cage e da nova e não estreada *This Song Is Twice Ocurrred*, ambas para sexteto + regente, mas que usam instruções - regras para improvisações - para articular a música). Não considero compor fazer música, mas apenas um dos estágios da cadeia. Se não há ligação entre os elementos da cadeia, não há música. Uma composição numa gaveta deixada de lado é obra musical, mas de uma forma muito precária. Se a casa onde a gaveta está pegar fogo e por sorte houver um incêndio, se sofrer uma inundação durante uma chuva forte devido a canalização irresponsável de um rio em meio a uma cidade populosa, então vai se igualar à memória incerta e improdutiva do compositor e nada mais.

4) Você cria seus instrumentos, seu instrumental? Pode discorrer sobre como faz?

Alguns instrumentos eu crio, outros, nem tanto. O piano está fora de questão, não sei nem afiná-lo. Meu sintetizador eu comecei a pensar em colocar botões a mais dentro dele, pois havia espaço, mas não foi muito para frente. Borys Duque fez algumas modificações nele, conforme pedido, para eu colocar uma pequena tábua de madeira amplificada em cima da parte direita dele. Também isso não vingou muito. Sempre senti que tocar sintetizador era algo ingrato - eu não sou uma pessoa muito ligada a timbres - isto é, eu não vibro ao descobrir novos sons, ao tentar criar qualidades timbrísticas bonitas, sensuais; não sofro a fascinação pelo sensual do timbre/matiz sonoro. Então, eu não fico editando muito e manipulando a forma de onda do sintetizador/teclado. Eu sinto falta das qualidades gestuais do piano, do peso, de que o peso do corpo faça diferença no som, de que a interação corpo-som seja mais detalhada, mais intensa. Então eu comecei a usar, além do sensor D-beam, que já vem nele - que uso como transpositor de altura (com a mão subindo e descendo acima do sensor) - os pés, alguns pedais - uma pedaleira com 6 pedais tipo botão e um de controle variável e mais dois ou três ou quatro pedais extras. Isso é criar o instrumentário, embora esteja longe de ser

"criar instrumentos".

A *Tábua Mobile* foi um instrumento criado. Teve como principais construtores Duque e Muniz, e embora eu tenha ajudado, a parte de criação foi mais de concepção (junto com Muniz, é verdade). Muitas ideias e visões que tive não tinham como ser implementadas por falta de conhecimento, pessoal, tempo hábil e dinheiro. Também os *dimmers* específicos que usamos em P-Blob VVA e as mini-tábuas que espero um dia serem minhas companheiras de viagem por aí afora, foram feitas por Muniz, e aí minha parte consistiu também em pensar e rascunhar ideias, concepções sobre o que seria e o que poderia ser feito (não botei minha mão na massa). Testar, aí sim. A primeira coisa, já de cara, que apareceu como um problema nas *mini-tábuas* era o fato da madeira do tampo estar toda presa e não ter nenhum buraco. Pode parecer bobo o fato de nós (e o Marcelo tem formação em luteria também, além de ser/ter sido violonista flamenco, técnico em eletrônica, estudante de física e pós-graduando em neurociências) não termos percebido que a madeira não ia vibrar direito. O violino tem aqueles buracos laterais, e o violão o círculo central, enfim.

Nos *dimmers* específicos criados, criar possibilidades de manipulação não tão grosseira deles é também criá-los como instrumentos - treinar escalas de intensidade de luz, por exemplo, parametrizar um pouco a intensidade da luz, estudar os ritmos e posições dos dedos nos botões de *flash*. Dar instrumentalidade criando-treinando técnicas de operação.

No caso da *Tábua Mobile* - tem inclusive um artigo sobre ela, no ICSV18 (International Congress on Sound and Vibration)

[http://www2.eca.usp.br/mobile/portal/publicacoes/silveira_muniz_icsv18.pdf] - houve um trajeto musical. Eu tinha começado a usar microfones de contato (basta soldar uma pastilha *piezo* num cabo de áudio e botar um p10 na outra ponta e pronto, construiu seu próprio mic). Amplificava mesas e jogava tudo que encontrava pela frente, especialmente coisas coloridas, contra elas, fazendo uma bagunça. Desse processo de exploração, aos poucos, depois de

um ano, algo pareceu tomar corpo. Como fazia parte de um coletivo na USP ligado a um projeto temático, tinha de desenvolver algo para um espetáculo chamado *Por Trás das Coisas*, dirigido por Fernando Iazzetta. Encontrei Muniz, com quem já havia trabalhado no *Bolo de Noiva* (um toca discos capenga com três pratos construído por Muniz, cujo som era manipulado no software Pure Data, por mim), e rascunhamos possibilidades. Uma das questões das minhas tábuas amplificadas, feitas anteriormente à *Tábua Mobile*, era que elas tinham apenas um tipo de captação (microfones de contato) e que não tinham como intuito explorar aspectos de movimentação, tanto minha, como dos objetos - aspectos que acabavam surgindo durante as performances. Tentamos incluir mais explicitamente a movimentação como parte efetiva e importante da performance musical.

Alguns osciladores e geradores de ruído foram feitos por mim. São projetos simples retirados do livro do Nicolas Collins, *Hardware Hacking*, e também de alguns pdfs que Pan&Tone me deu, do Forest Mins. Aprendi também a fazer alguns com o próprio Cristiano Rosa (Pan&Tone). Numa oficina com Daniel Llermaly, aprendi a construir um gerador analógico (sem circuito integrado!) de ondas sonoras graves. A parte de circuit bending - com brinquedos, foi influência do Crosa, e muitas das minhas bugigangas foram feitas com ele, aprendendo junto ou olhando seus esquemas, ou ainda os do livro do Reed Ghazala, *Circuit Bending*. Na verdade, agora me lembro que um teclado Concertmaster 180 com alterações (como no livro do Ghazala) foi me dado de presente por Joker Niels, em 2008, instrumento que trouxe da Dinamarca e então usei diversas vezes, até ele ficar imprestável.

Também outra coisa que faço sempre é colocar caixas-claras na frente de amplificadores ou caixas acústicas. A caixa-clara ressoa junto como o que está sendo tocado na caixa acústica. Isso vêm de um amor pelas caixas-claras, mas apesar de ter estudado tocar por pouco mais de um ano, não vinguei como percussionista de caixa; alguns anos depois dei um jeito de não abandonar o instrumento. No computador, tenho um programa que usa

tabelas de formas de ondas, uma para 'valores de amplitude x tempo das ondas', e outra para a maneira de ler esses valores. Das formas que uso, uma parece um impulso, outra uma onda quadrada. Posso lê-las de modo normal, em várias velocidades, mudando assim sua frequência, ou então, lê-las com ranhuras-rasuras (*scratches* - leituras que vão e vêm na maneira de ler a 'amplitude pelo tempo' da outra tabela). Com a esteira ligada e um impulso sendo lido de modo normal, têm-se algo como um "tá", um som razoavelmente próximo ao de alguém batendo com uma baqueta no meio da caixa-clara. O curioso é que, desde ouvir falar, através de José Augusto Mannis, de um compositor francês que colocava caixas claras junto a trompas, até tentar algo, passaram-se alguns anos. De usar eventualmente a usar sempre, mais alguns anos. Lembro de uma versão do patch, mais precária, talvez de 2009, que ficou pelo menos 2 anos sendo usada, igual. Esse tempo é o tempo lento da instrumentalidade. Vai acumulando e reforçando relações-funções, criando um pequeno mundo da mediação musical ali.

5) Conceber um instrumento musical (virtual, físico, artesanal, ou expandir e modificar um já existente) pode ser considerado, pra você, o próprio ato de se fazer música? Explique.

Não pode. Pelo uso que dou às palavras "música", "instrumento", "composição musical", não dá. Fazer música: posso encarar isso de duas formas. Ou fazer música é a concretização da cadeia toda, que vai desde detalhes que preparam as coisas, até os instrumentos, para a composição ou não, passando pela logística de uma apresentação, até a performance, para a gravação dessa, a manipulação do arquivo e os eventuais comentários sobre o que foi gravado e o processo todo. Nesse caso, conceber um instrumento é um nó nessa cadeia. Pode ser mais ou menos importante, mas é apenas uma parte que depende de outras (que dependem eventualmente desta também).

A outra forma que eu encaro é considerar que fazer música é fazer

performances de música, isto é, colocar num contexto social, mínimo que seja, uma música/um algo musical, o que pode ser: você com suas caixas de som, por exemplo, e você em frente às caixas é esse mínimo. Nesse sentido, a não ser que a música seja, de um modo indagador e estranho, o conceber de um instrumento musical - que a performance seja a construção-concepção de um instrumento musical, fica barrada essa possibilidade de que esta concepção seja justamente o próprio ato de se fazer música.

6) Vídeos de Henrique Iwao:

1. *P-Blob VVA* (com Marcelo Muniz & VJ Danilo_b):
<https://www.youtube.com/watch?v=7CYdbhFLft4>
2. Com mesmo grupo, *Tábua Mobile*: <https://www.youtube.com/watch?v=wpBbRMihAfg>
3. Improviso usando brinquedos e trecos, conjuntamente com o guitarrista Matthias Koole: <https://www.youtube.com/watch?v=g5LGpgs31ZA>
4. *Epilepsia* (com J.-P. Caron), participação de Matthias Koole:
<https://www.youtube.com/watch?v=CHkJJd82aKw>
5. Solo meu, para vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=OqpL3A1kyKU>
6. *Trio*, comigo e Muniz nas luzes, Andreia Yonashiro dançando e um trio musical coordenado por Mário Del Nunzio, formado também por Leonardo Labrada e Manuel Faleiros: <https://www.youtube.com/watch?v=9JYK7NCk9I0>
7. *Verossimilhança do Espelho*, com Del Nunzio:
https://www.youtube.com/watch?v=8wgii_QYWHs
8. Improvisos com Del Nunzio mais convidados (Cesar Villavicencio, Antonio Panda Gianfratti, Matheus Leston, Pan&Tone, Lucas Araújo), usando instrumentários especiais: <https://www.youtube.com/watch?v=4Q9e6FSXgR0>